

EDUCAR É SE ATREVER A REFLETIR: “PORQUE ESTOU FAZENDO DESTA MANEIRA E NÃO DE OUTRA?”

Jane Patricia Haddad (www.janehaddad.com.br)

A Educação encontra-se diante da impossibilidade de tudo saber e responder, estamos imersos e um mundo em transição que nos convida a fazer uma passagem, da certeza à incerteza. Vivemos um momento de travessia, com novas configurações familiares, aumento significativo da violência, avanço da tecnologia e com tudo isso, uma geração em “aberto” que a princípio não sabemos bem o que pensar e como conduzir. Pensemos no breve cenário abaixo:

Ontem crianças brincavam, hoje pilotam seus celulares e lpad(s), l pod(s); festas de aniversários eram momentos de reunir familiares, hoje é momento de priorizar as “princesas” que irão entrar na limousine cor de rosa e serem conduzidas para um salão de festas onde receberão roupões, maquiagens e unhas feitas (vale ressaltar que essas princesas tem 7- 8 anos), sempre acompanhadas de muitas selfies para comprovar o momento. Antes o jovem sonhava e programava seu futuro, hoje ele relata não querer pensar nem no presente que dirá no futuro. Ontem as meninas adolescentes sonhavam com o primeiro baile, hoje se realizam com os silicones nos seios e cirurgias plásticas, antes os meninos adolesciam hoje adoecem seus músculos bem definidos. Antes os pais tinham prioridade na programação de uma única TV, hoje cada TV tem seu dono e cada dono o seu quarto e cada quarto um adolescente, habitando o seu “porto seguro”, geralmente conectado em seus celulares “presos” 12 – 20 horas silenciados em seu “quarto seguro”, geralmente esse último perfil são de adolescentes que escapam ao lema: **“apareça e exista” logo**, são “deletados” no mundo real pelos seus pares ou sofrem perseguições através de *cyberbullying*, um *bullying* ainda mais requintado do que o “tradicional - presencial”. Essa nova versão de *bullying* acontece no espaço virtual através das ferramentas tecnológicas cada vez mais eficazes e rápidas. Como a escola contemporânea poderá atuar junto a esse fenômeno tão real no mundo virtual?

As famílias passam por profundas e rápidas transformações, houve uma mudança no papel da mulher frente às novas demandas do mercado, uma família antes conhecida por sua hierarquia vertical em que (bem ou mal) havia um modelo em torno do pai como lei na conhecida família patriarcal. O pai (função) de lei, aos poucos cede lugar às “novas” configurações familiares em uma “hierarquia” horizontal, quase (em redes) de afinidades, cooperação, negociação e também de barganhas com diversas parcerias. Seria esse o ponto? Acredito que não, o que vejo (mesmo que provisoriamente) é uma confusão e indefinição por parte dos pais que de alguma forma testemunharam muitos casamentos do “até que a morte nos separe” ao “to saindo fora”, do “tudo que eu não pude ter, vocês terão”. A sensação que tenho hoje é que as novas gerações estão entregues aos próprios desejos, sem uma lei clara que possa impedi-los de gestos destrutivos consigo mesmo e com o outro. Será isso que a nova lei vem nos ditar? A lei visa: "promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua" e "evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil".

Espero que todos estejam acompanhando a lei 13.185, assinada no dia 6 de novembro de 2015 e sancionada no dia 9 de fevereiro de 2016. Onde no artigo primeiro já fica explícito que: *“Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**) em todo o território nacional”*. Como educadora, tenho minhas dúvidas sobre a lei e sua forma de atuação, mas algo não pode passar despercebido: **os conflitos humanos devem ser ponto de partida para novos debates**. Como toda lei, ela não terá efeito se não virar uma Prática Social que priorize uma educação emancipatória. Uma educação que não continue surda diante de alunos (as) que repetem muitas vezes frases como:

Com certeza, já avançamos muito, independente de leis, eu já acompanho campanhas e projetos voltados para a Cultura de Paz, além de projetos que visem a tolerância humana em nossas Escolas Mineiras, porém um outro passo

deve ser dado, um passo junto as **famílias**, já que não podemos negar que o primeiro ambiente de aprendizagem, ainda se constitui na família.

Como educadora, tenho minhas dúvidas sobre a lei e sua forma de atuação, mas algo não pode passar despercebido: **os conflitos humanos devem ser ponto de partida para novos debates educacionais, eles são meios para uma aprendizagem significativa.** Como toda lei, ela não terá efeito se não virar uma **Prática Social** que priorize uma educação emancipatória. Uma educação que não continue surda diante de alunos (as) que repetem muitas vezes frases como:

“Passo meus recreios sozinhos”; “Não sou chamado(a) para nada na escola”; “O professor de física, me chama de florzinha (aluno Mateus, 16 anos...). Falas como essas são anotadas diariamente em meu caderno de atendimentos.

O momento atual é de Reflexão e não mais de justificativas. Sugiro aos educadores que desejem fundamentar suas práticas pedagógicas uma leitura do livro: **Cegueira Moral “A perda da sensibilidade na modernidade Líquida”¹**. “Sou visto, logo sou” – e quanto mais pessoas me veem, mais eu sou... (BAUMAN, 2014, p.37). Será que é assim que estamos conduzindo as novas gerações?

Falar de educação é falar de vida, pessoas, relações e conflitos psíquicos e principalmente de falar-fazer de possibilidades. Quem sabe não aproveitamos o início do ano letivo para reiniciarmos uma longa conversa com os pais, sobre uma educação real, incompatível com a pressa contemporânea.

Lembrem-se que a lei não contempla punição e sim conscientização e co – responsabilidade. Quem sabe não é o momento de resgatarmos a co - responsabilidade da parceria indissolúvel entre Escola e Família?

“A parceria escola-família consiste em reconhecer a parte de cada ator, não a “melhor parte”, mas simplesmente uma parte de responsabilidade. A

¹ 2014) Bauman* e Donskis: dialogam propondo algumas reflexões sobre o novo panorama do "mal" (Hannah Arendt) que vem crescendo a cada dia na sociedade contemporânea, ou seja, mudanças rápidas, líquidas e silenciosas moldando sujeitos para o sofrimento e alienação.

humanidade não é um bolo a ser dividido entre guloseimas ou voracidade” (GUILLLOT², G. 2008, p. 60) e muito menos a humanidade não é algo a ser DELETADO.

Assim, mais uma vez, desejo que não seja por determinação legal ou normativa, por receio de ser punido ou ter a reputação comprometida, mas pelo bem geral das novas gerações e para que nós adultos possamos parar de ser acometidos por tantas fatalidades na vida cotidiana como “esse menino foi educado em uma das melhores escolas, teve de tudo e mesmo assim agiu com o outro dessa forma cruel”. Como muito bem dizia nosso caro educador Paulo Freire: *“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”*.

² GUILLLOT, Gérard. **O resgate da autoridade em educação**. Porto Alegre, 2008.